

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

SUELEN DA ROSA DINIZ WAGNER

**UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO DISSEMINADO PELA YOUTUBER MARCELA
TAVARES**

**Jaguarão
2021**

SUELEN DA ROSA DINIZ WAGNER

**UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO DISSEMINADO PELA YOUTUBER MARCELA
TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português EaD – UAB da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nathan Bastos de Souza

**Jaguarão
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

W132a WAGNER, SUELEN DA ROSA DINIZ
UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO DISSEMINADO PELA
YOUTUBER MARCELA TAVARES / SUELEN DA ROSA DINIZ WAGNER.
23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: NATHAN BASTOS DE SOUZA".

1. PRECONCEITO LINGUÍSTICO. 2. LINGUÍSTICA. 3.
SOCIOLÍNGUÍSTICA. I. Título.

SUELEN DA ROSA DINIZ WAGNER

**UMA ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO DISSEMINADO PELA YOUTUBER
MARCELA TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras Português/UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho defendido e aprovado em: 22 de novembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Nathan Bastos de Souza
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Me. Gabriella Cristina Vaz Camargo
(UNESP)

Prof. Me. Alessandra Goulart D'Avila
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **NATHAN BASTOS DE SOUZA, PROFESSOR
MAGISTERIO SUPERIOR**
- **SUBSTITUTO**, em 13/12/2021, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Gabriella Cristina Vaz Camargo, Usuário Externo**, em 13/12/2021, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Alessandra Goulart DAVila, Usuário Externo**, em 13/12/2021, às 23:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0692561** e o código CRC **4DFAC3A0**.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar esta conquista; aos meus pais e ao meu esposo por me incentivarem e apoiarem incansavelmente. Eles são a prioridade da minha vida. Aos professores e aos tutores pelo empenho, disposição, empatia e afeto com que nos ensinaram, conduziram e encorajaram durante todo o percurso. Aos colegas, pelo apoio, envolvimento, união, amizade e motivação. Ao orientador deste trabalho pelo empenho e dedicação. E a todos que de alguma forma contribuíram nessa trajetória.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi, por meio do estudo do vídeo “Não Seja Burro #4”, de Marcela Tavares, desconstruir o preconceito linguístico nele disseminado. Como fundamentação teórica, foram utilizadas contribuições dos autores: Alkmim (2001), Bagno (2009), Geraldi (2012), Gonçalves (2019), Paiva (2019), Souza (2016). A metodologia utilizada foi estudo de caso, por meio de pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Nesse sentido, foram recortados três elementos do vídeo analisado, nos quais a youtuber afirma haver “erros de português”. Em seguida, apresentaram-se explicações linguísticas a respeito dos “supostos erros”. Logo, os “erros” apresentados pela youtuber não passam de casos de variação linguística.

Palavras chaves: Preconceito linguístico; sociolinguística; variação linguística.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue, a través del estudio del video “Não Seja Burro # 4”, de Marcela Tavares, desconstruir el prejuicio lingüístico diseminado en él. Como fundamento teórico se utilizaron contribuciones de los autores: Alkmim (2001), Bagno (2009), Geraldi (2012), Gonçalves (2019), Paiva (2019), Souza (2016). La metodología utilizada fue un estudio de caso, a través de una investigación con enfoque cualitativo y exploratorio. En este sentido, se eligieron tres elementos del video analizado, en los que la youtuber afirma que hay “errores de portugués”. Luego, los “errores” presentados por la youtuber no pasan de casos de variación lingüística

Keywords: Prejuicio lingüístico; sociolingüística; variación lingüística.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Expressão “por isso”	20
Figura 2 – Expressão “preconceito linguístico”	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Definição de preconceito linguístico	12
2.2 Conceito de norma e de prestígio social.....	14
2.3 Desconstrução do preconceito linguístico	15
3 METODOLOGIA.....	17
4 ANÁLISE.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O preconceito é um problema presente na sociedade desde os tempos antigos. Prejudicial, ele afeta pessoas de diversas classes, raças, etnias, religiões e ideologias. Hoje existem muitas campanhas e formas de conscientização para que essa discriminação diminua, e, de fato, muitas pessoas têm se conscientizado e deixado de ser preconceituosas. Entretanto, são vários os casos em que existe o preconceito oculto, aquele que aparentemente não existe, mas que está presente na vida de quem o enfrenta. O preconceito linguístico é um deles.

Considerado um tipo de discriminação social, o preconceito linguístico ocorre quando um indivíduo é julgado por não seguir estritamente a norma culta da língua. De acordo com Marcos Bagno (2007, p. 1-183), renomado linguista e escritor brasileiro, esse preconceito não é combatido como os demais. Pelo contrário, é diariamente alimentado pela mídia, jornais, revistas e livros, que apenas se preocupam em ensinar o que é considerado “certo” e “errado”, sem levar em conta as variedades linguísticas.

Segundo Bagno (2009), o preconceito linguístico é reflexo da própria visão que o brasileiro tem de si próprio, a qual foi construída ao longo dos anos, pelos motivos mencionados anteriormente. Para a sociedade atual, a norma culta é única e imutável, e qualquer questionamento ou divergência a esse respeito representa falta de cultura e conhecimento da língua.

Discorrendo sobre essas questões, realizei para este trabalho uma pesquisa relacionada ao preconceito linguístico, analisando as questões abordadas em três recortes do vídeo “Não Seja Burro #4”, de Marcela Tavares. A escolha do vídeo foi baseada na intolerância às variações linguísticas que o conteúdo apresenta. Nesse sentido, trabalharei neste artigo com a perspectiva teórica de Bagno (2007, p. 1-183), no que diz respeito ao preconceito linguístico — que será a abordagem teórica do texto.

O objetivo deste trabalho foi, por meio do estudo do vídeo citado, desconstruir o preconceito linguístico nele disseminado. A partir disso, apresentar contribuições da sociolinguística que permitam compreender os prejuízos causados por tal preconceito. Já os objetivos específicos foram analisar as causas do preconceito linguístico, refletir nos prejuízos que o preconceito linguístico causa na sociedade e apresentar contribuições para o combate ao preconceito linguístico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Abaixo exponho as referências teóricas que serviram de base para a elaboração deste trabalho.

2.1 Definição de preconceito linguístico

É possível definir como preconceito linguístico a discriminação que ocorre às variedades linguísticas apropriadas pelas classes menos favorecidas. Tais variedades da língua são vistas popularmente como o resultado de um acesso deficitário à educação ou a uma educação de baixa qualidade. Mas para compreender plenamente o que é preconceito linguístico, é preciso primeiramente discorrer sobre o que é, de fato, variação linguística.

Presente no dia a dia de todos nós, a variação linguística é aquela que ocorre na fala e escrita de indivíduos que têm a mesma língua materna. Ela está relacionada a diversos fatores, como cultura, tempo e contexto, por meio dos quais a língua se transforma constantemente. Há três tipos de variação linguística: variação diafásica, variação diatópica e variação diastrática.

A diafásica, conhecida também como variação estilística, e está relacionada ao contexto social. De acordo com Souza (2016, p. 22), esta se refere ao uso diferenciado que cada pessoa faz da língua em concordância com a situação que vivencia.

Assim, esse tipo de experiência da variação diafásica é aquela em que as pessoas falam em casa, na mesa de um bar, num encontro com os amigos, com o chefe, dentre outros. Quando escrevemos, registramos esse tipo de variação na escrita de um bilhete deixado na porta da geladeira, em um e-mail que se envia a um colega, de uma resenha a ser encaminhado ao professor, etc. (SOUZA, 2016, p. 22).

Já a variação diatópica, de acordo com Alkmim (2001, p. 34), está associada às diferenças regionais, que podem ser observadas nos diálogos entre falantes de lugares distintos.

E por fim, a variação diastrática. Conhecida também como variação social, ela remete às diferenças manifestadas por indivíduos de culturas e classes sociais distintas. Sobre ela, Alkmim (2001, p.34) afirma:

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social (ALKMIM, 2001, p. 34).

Todas as línguas do mundo apresentam variações. Não há uma sequer em que se fale da mesma maneira em todos os lugares (BAGNO, 2007, p. 51). Sendo assim, seria normal se as variações linguísticas fossem aceitas e respeitadas, afinal fazem parte da identidade os falantes. Contudo, não é o que acontece.

O chamado “preconceito linguístico” está presente em todos os lugares. Na escola, ainda existe a orientação de cobrar o aluno a falar exatamente do jeito que se escreve. Sobre isso, Bagno (2007, p. 51) opina: “Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!” (BAGNO, 2007, p. 51).

É óbvio que é o professor deve ensinar seus alunos a escreverem conforme a norma padrão da língua, desde que isso seja feito sem que haja desprezo e desvalorização das variantes.

Após anos de pesquisa, Bagno (2009, p. 17) concluiu que o que existe é muito maior do que simplesmente um preconceito linguístico: é um preconceito social.

Faz algum tempo que venho me dedicando ao estudo do preconceito linguístico na sociedade brasileira. A principal conclusão que tirei dessa investigação é que, simplesmente, o *preconceito linguístico não existe*. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado *preconceito social*. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e “politicamente incorreto” (lembrando que o discurso do “politicamente correto é quase sempre hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade”, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelas a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical” (BAGNO, 2003, p. 17).

Desse modo, é possível perceber que esse preconceito linguístico, que na verdade não passa de um preconceito social, está relacionado ao prestígio social da língua em determinada sociedade. É sobre isso que falaremos a seguir.

2.2 Conceito de norma e de prestígio social

Normas sociais são regras empregadas nas interações pessoais reforçadas socialmente, e que afetam o comportamento dos indivíduos e de sua comunidade. Por meio delas é possível saber quais atitudes são ou não aceitas naquela comunidade, bem como refletir sobre os valores ali preservados. Já o prestígio social é o valor sociocultural assertivo atribuído a uma ou mais pessoas por um determinado grupo. Também diz respeito à influência que um indivíduo tem socialmente em uma comunidade. Na linguística, o prestígio social está inteiramente ligado à hierarquia imposta às variedades linguísticas existentes.

Em todas as classes sociais há variedades linguísticas. Elas não ocorrem por acaso, mas resultam das interações pessoais estipuladas sociopoliticamente em cada grupo. Sobre essa questão, Alkmim (2001, p.37) afirma:

Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKMIM, 2001, p. 37).

É possível notar, de maneira muito clara, a presença de variedades de prestígio e variedades não prestigiadas na sociedade. No caso das sociedades de herança ocidental, existe uma variedade que é a mais prestigiada: a variedade padrão. Ela recebe notoriedade na comunidade e ocorre em situações de formalidade. Intitulada também como norma culta — ou língua culta —, a variedade padrão não é aquela que se dissemina entre o grupo e que todos os falantes maternos utilizam com facilidade. Ela é consequência de uma conduta social que seleciona um dos modos de falar entre os demais e pela determinação de normas que ditam a maneira “correta” de se falar. Sobre isso, Alkmim (2001, p.40) declara:

Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante (ALKMIM, 2001, p. 40).

O parecer social das variedades linguísticas está presente em todos os grupos de fala. Muitas vezes, essas variedades são denominadas de línguas simples ou primitivas, o que para a linguística é uma afirmação sem embasamento científico. “Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIM, 2001, p. 40).

2.3 Desconstrução do preconceito linguístico

A língua portuguesa está em crise. Diversos docentes, advertidos por artigos científicos ou conferências, estão deixando a gramática normativa em segundo plano, no que tange a explanação da linguística. Entretanto, concordam que faltam ferramentas oportunas que, ainda que não possam compensar as gramáticas convencionais, sejam capazes de agregar conteúdo crítico a esses materiais. Apesar disso, boa parte da população defende a norma culta como único objeto de ensino/aprendizagem que deve ser trabalhado em sala de aula. Mas, afinal de contas, onde está essa “norma culta”?

Apenas uma parte privilegiada da população tem acesso à norma culta. Porém, a maioria das pessoas alfabetizadas não desenvolve suas habilidades linguísticas na competência dessa norma. A leitura e a escrita, de modo geral, são hábitos culturais pouco presentes nas camadas sociais alfabetizadas. Isso porque essas classes são influenciadas pelo ensino tradicional, que ainda reafirma o preconceito linguístico e dificulta a expressão espontânea no desenvolvimento da comunicação. O resultado é o sentimento de incompetência, fracasso e incapacidade.

As variantes linguísticas não podem ser consideradas “erros de português”. Como o próprio nome já diz, elas revelam as características sociais, culturais e regionais dos indivíduos. Em sua obra, “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”, Bagno (1999, p. 111-112) afirma o seguinte:

Como é possível, então, falar de “erro” se a construção não causa estranheza a falantes cultos e é perfeitamente assimilada do ponto de vista semântico e pragmático, se não há nenhuma ambiguidade em sua interpretação (que é o argumento quase sempre apresentado pelos prescritivistas, que normalmente analisam a língua sem levar em conta o contexto da enunciação)? (BAGNO, 1999, p. 111-112).

Ainda de acordo com o autor, carecemos de uma gramática da norma culta brasileira que apresente termos claros e acertados úteis para professores, alunos e falantes da língua. Enquanto não dispormos de uma gramática que exponha a língua falada na prática pelas classes cultas, continuaremos submetidos à regulamentária, que nomina equivocadamente como norma culta uma modalidade que, no final das contas, é mais cultuada que culta.

Ao passo que esperamos por essa gramática, precisamos continuar lutando contra o preconceito linguístico. O primeiro passo é ter atitude:

Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria *autoestima linguística*: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. [...] Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um *comando paragramatical* e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes (BAGNO, 1999, p. 115).

É necessário que os professores não aceitem as normas que favorecem o preconceito linguístico. Os docentes precisam posicionar-se criticamente a respeito da norma culta, substituindo o “repetir” por “refletir” para compreender que tipos de usuários da língua estão sendo formados com a sua contribuição.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como estudo de caso, pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. De acordo com Paiva (2019, p. 11)

Estudo de caso é um tipo de pesquisa que investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em um contexto específico. É um estudo naturalístico porque estuda um acontecimento em um ambiente natural e não criado exclusivamente para a pesquisa. (PAIVA, 2019, p.11).

Com base nessa proposta, os recortes elaborados para o estudo privilegiaram três ocorrências que a youtuber Marcela Tavares classifica como “erros”, quais sejam, 1) o termo “tava”; 2) a forma “adevogado” e 3) a escrita de “por isso” sem a devida segmentação gráfica em duas palavras.

A análise apresenta essas ocorrências transcritas em texto verbal e utilizamos de fotogramas do vídeo para ilustrar a maneira como a youtuber reage às ocorrências, que pretende corrigir. Com base nesse recorte, apresentamos contribuições dos estudos linguísticos para explicar as ocorrências como variação linguística, não como erro.

4 ANÁLISE

O objeto de estudo deste trabalho é o vídeo “Não Seja Burro #4” da youtuber Marcela Tavares, no qual é possível observar um preconceito relacionado à linguagem por parte da influenciadora. Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir algumas informações relevantes sobre Marcela a título de contextualização.

Nascida no interior do Rio de Janeiro, Marcela Tavares iniciou seus estudos em Teatro com seis anos de idade e em 2012 concluiu a Formação Profissional do Ator, ministrado pela CAL (Casa das Artes de Laranjeiras). Devido à carência de trabalho na área, realizou alguns trabalhos por conta própria até que atuou no grupo Parafernália¹, o que marcou o início da sua carreira como comediante. Hoje, Marcela possui seis milhões de seguidores no Facebook, 495 mil no Instagram e mais de 900 mil seguidores no Youtube, onde tem um canal voltado ao ensino de língua português — informações essas coletadas nas redes sociais da influencer, em setembro de 2021.

Neste trabalho de conclusão de curso, analisei o vídeo intitulado “Não Seja Burro #4” cujo conteúdo, ainda que exposto de forma humorística, dissemina o preconceito linguístico.

Com cinco minutos e trinta segundos de duração, o vídeo “Não Seja Burro #4” é um sucesso no canal da artista. Apresenta cento e vinte e cinco mil curtidas e mais de mil descurtidas, além de mais de sete mil comentários, sendo que uma boa parte é de incentivo e elogios à influenciadora — informações essas verificadas em julho de 2021.

Ao analisar o vídeo supracitado, em um primeiro recorte, é possível perceber o tom agressivo que Marcela utiliza ao se referir ao que ela interpreta como “erros de português”. Logo ao início do vídeo (14seg), Tavares fala sobre a pronúncia e escrita do termo “tava”, que é usado coloquialmente no lugar de “estava”, e ridiculariza a ocorrência “tavo”, quando mencionado com o mesmo significado:

"Tavo" e "Tava". "Tava" é uma forma que a gente encontrou de abreviar o "estava" que não é errado, né? Agora me fala uma coisa: por que que você diz "tavo"? Qual é o teu problema? Por um acaso você diz assim: "Eu estava" na escola hoje"? Não existe isso, não existe. É "tava" de estava.

¹ Canal humorístico criado em 2011, dirigido por Filipe Neto. Atualmente, conta com 12 milhões e 500 mil inscritos.

Não importa se você é menino ou menina, você nunca fala "tavo", tá entendendo? Você estava! (TAVARES, 2016, 00:00:14-00:00:36).

De acordo com a influenciadora, não é errado usar o termo “tava”, já que se trata de uma abreviação da palavra “estava”. Contudo, quando a modificação acontece ao final da palavra (tavo), não se trata de uma variação, mas de erro de português. Tal declaração é contraditória e vai de encontro com o que afirma Bagno (2007):

O problema aqui é ainda mais grave porque, do ponto de vista científico, simplesmente não existe erro de português. Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar (BAGNO, 2007, p. 124).

Em outro momento da gravação — recorte número dois (1min1seg) — Tavares afirma de forma grosseira e indelicada: “Não se diz ‘adevogado’, sua mula. É ‘advogado’. Tira esse ‘e’ daí” (TAVARES, 2016, 00:01:01-00:01:05). A respeito dessa questão, é necessário entender que a escrita de algumas palavras nos sugere a presença de uma consoante muda que, na fala real, não ocorre exatamente assim. Na língua portuguesa falada no Brasil, há uma dificuldade na pronúncia dos sons consonantais que não são acompanhados por vogais, já que essa não é a estrutura mais comum da nossa língua. Desse modo, não é incomum encontrar palavras como “adevogado”, “peneu” e “adimissão”. A esse fenômeno, dá-se o nome de “epêntese vocálica”.

A epêntese vocálica é um fenômeno que ocorre na fala a partir da inserção de uma vogal entre as consoantes. Esse fenômeno não possui representatividade na escrita, o que acarreta na produção de *letras mudas*. Entretanto, como o português é uma língua com padrão vocálico par as sílabas, não é permitida a construção de sílabas consonantais havendo por isso a necessidade da inserção da vogal epentética (SILVA, SILVA, 2012, p. 1).

Ainda nesse vídeo, em um terceiro recorte (5min), Marcela fala sobre o uso “incorreto” da expressão “por isso”. Ela diz:

“Porque tem muita gente que ainda escreve “por isso” junto... Ai minha mão! Para de escrever “por isso” junto, “por isso” é separado. Quando Aurélio vê

um “por isso” junto, ele se revira do caixão, quer voltar aqui pra te enforcar!” (TAVARES, 2016, 00:05:01-00:05:13).

Figura <1> - <Por isso>



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=JDVHQIQfHeM>> - <2016>.

Existe, na língua portuguesa, um mecanismo conhecido como debilidade acentual. Ele ocorre, geralmente, devido ao acento baixo existente nas preposições, o que faz com que elas não tenham autonomia e se juntem ao grupo acentual das palavras que as acompanham. É o que afirma Gonçalves (2019, p.15):

Na escrita, é relativamente fácil identificar uma palavra em função de haver recursos gráficos – como é o caso do espaço em branco ou mesmo do uso do hífen – que sinalizam esses constituintes. Na fala, por outro lado, nem sempre se distingue uma unidade vocabular de um grupo de palavras, pois, foneticamente, podem ser produzidos da mesma maneira [...]. Muitas vezes,

crianças em fase de alfabetização não conseguem distinguir o que é uma palavra do que constitui sequência sonora emitida num só grupo acentual. [...] a ausência de segmentação, embora tenha relação direta com o domínio da escrita, revela o fato de os redatores se pautarem na cadeia falada para grafar os chamados *chunks* (Bybee,2010): unidades de organização da memória formadas pela junção de duas ou mais formas linguísticas emitidas numa ordem rígida tal que, em função da frequência de uso, acabam sendo tomadas em bloco [...] (GONÇALVES, 2019, p. 15).

Nesse sentido, é possível entender que essa maneira de falar, à qual Marcela interpreta como “burrice”, apresenta explicação linguística e está atrelada à frequência de uso da língua.

Ao finalizar o vídeo, Marcela bate no quadro até quebrá-lo enquanto grita suas “correções” (5min23seg), e deixa claro sua intolerância e falta de apreço pela variedade linguística, ao dizer: “E se você tá pensando em comentar aqui embaixo que isso aqui é preconceito linguístico, vai decorar o dicionário, imbecil” (TAVARES, 2016, 00:05:23-00:05:27).

Figura <2> - <Preconceito Linguístico>



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=JDVHQIQfHeM>> - <2016>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como proposta analisar o preconceito e a intolerância relacionados às variações linguísticas da língua portuguesa contidas no vídeo “Não Seja Burro #4”, da influenciadora digital Marcela Tavares. Por meio da análise de três recortes do conteúdo, obteve-se como resposta, embasada por autores renomados da sociolinguística, que os “erros” apresentados pela Youtuber não passam de casos de variação linguística, comuns em qualquer sociedade, e que em nada se relacionam a fatores sociais ou intelectuais.

Em relação ao comportamento da influenciadora durante a gravação, é possível perceber sua fúria com os supostos “erros” que menciona, a ponto de bater no quadro e quebrá-lo, além de machucar a própria mão — o que pode ser visto nas imagens exibidas anteriormente. Além do mais, as atitudes de Marcela nas suas “aulas” podem ser consideradas encenações, pois ela não possui formação como professora de língua portuguesa, entretanto tem curso de Formação Profissional do Ator.

Nesse sentido, Tavares vai de encontro, mais uma vez, ao que diz Bagno (1999), que, quando uma construção não causa espanto em falantes da norma culta, é assimilada completamente, de acordo com a semântica e pragmática, e não apresenta ambiguidade de interpretação, como pode alguém chamá-la de erro? Por fim, Marcela Tavares propaga um conhecimento pobre, voltado ao humor preconceituoso e desprovido de aprofundamento teórico-científico cujo objetivo não parece ser outro senão o deboche das variedades linguísticas e a necessidade de exposição.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística: parte 1**. In: MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 17.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 1-183.

GERALDI, João W. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 24-27.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019, p.13-21.

PAIVA, Vera Lúcia M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019, p. 11.

SOUZA, Francisca Ferreira de. **O estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino**. Cajazeiras: UFCG/CFP, 2016, p. 22.

TAVARES, Marcela. **Não seja burro #4**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JDVHQQfHeM>. Acesso em 02 de novembro de 2021.